



Boletim Informativo da Casa do Artista

Editorial

Volume XXIX, Edição II

Setembro de 2018

BEM-VINDA HELENA VIEIRA



Nesta edição:

Pensamentos	4
Tantas Coisas pela Cidade	5
Quadras Populares	6
Caramanchão	7
Algarve Antes e Depois	8
Tristeza de Palhaço	9
Adeus Amiga Lena Diogo	10
Bem-vinda Helena Vieira	11
Lá Foi a Nossa Manecas	13

DISCURSO DA INAUGURAÇÃO OFICIAL DA CASA DO ARTISTA

11 de Setembro de 1999/ 11 de Setembro 2018

Celebraram-se os 19 anos da inauguração oficial

Senhor Presidente da República

Senhor Presidente da Assembleia da República

Senhor Patriarca

Senhores Ministros

Senhores Mecenass, Sócios e colaboradores, minhas senhoras e meus senhores, a todos agradecemos a honra e a solidariedade das vossas presenças.

As presenças, não podemos estranhar que sejam muitas, porque uma obra grande tem de acabar por ser obra de muitos.

E porque se trata efetivamente de um momento lato na vida – ou, mais propriamente – da oficialização da vida da “Casa do Artista”, que agora se concretiza neste simbólico e tradicional evento.

De facto, se na sua conceção participaram já mais de dois, numa promiscuidade talvez pouco crucial, já na sua gestação, nascimento e crescimento, até esta fase adolescente em que hoje a apresentamos ao primeiro baile, participaram muitas entidades oficiais, projetistas, técnicos vários, e alguns mecenas, ainda não tantos quanto desejável e indispensável.

Mas os mecenas existem, nós saberemos recebê-los, e lembrar-lhes que a grande riqueza destas Instituições é não serem pobres a pedir, para poderem ser ricas a dar.

Diz-se que a Casa do Artista foi um sonho do passado.

Pessoalmente considero, não sonho, mas utopia, todo o sonho que se não transforme em realidade.

Por isso, em nome da classe e da atividade, o nosso melhor agradecimento a todos os que sonharam, os que acreditaram no sonho, os que o tornaram realidade. A primeira palavra de gratidão seria injusto que não fosse para Raul Solnado que nos trouxe do Brasil a ideia.



A segunda para o Eng. Nuno Abecasis que nos trouxe de Lisboa a cedência do terreno, só ainda em direito de superfície. Fica o recado...

A terceira palavra de gratidão, vai para as mãos que, incansavelmente, bateram à porta dos vários Ministérios para conseguirem os financiamentos indispensáveis, e para as abençoadas canetas que os despacharam favoravelmente.

Não foram muitos os Ministérios, aliás, e a primeira porta que se abriu foi a da Segurança Social, depois a do Ministro do Plano e Equipamento, um pouco mais perra a do Ministério da Cultura e finalmente, na idade do sarampo e das primeiras enterites, entreabriu-se a porta do Ministério da Saúde. Mas a idade avança, começamos a ficar perros como a porta da Cultura, e a porta entreaberta da Saúde, precisava de se abrir de par em par, para se manter o gabinete de fisioterapia, Sr.^a Ministra!

Isto para evitar uma parada de cadeiras de rodas à porta do seu Ministério. Mas os Corpos Sociais ainda conseguem ir pelo seu pé, embora dos nossos primeiros aos últimos passos já tenham decorrido perto de 20 anos.

Escrituras, estatutos, projetos, velhos impressos, novos requerimentos que se acham, velhos requerimentos que se perdem, e os muitos etceteras inerentes, consumiram essas duas décadas. E por virtude das alternâncias democráticas constitucionais e estatutárias, passou a obra por vários governos e governantes da Nação e por várias direções da Instituição.

E também por diferentes edilidades lisboetas.

Congratulamo-nos por os vários governos nos terem vindo a conceder os mesmos carinho e apoio, e lamentamos que não seja a direção nossa antecessora, tantos anos presidida por Octávio Clérigo, a culminar neste evento a sua quota parte de trabalho realizado.

Por isso entendemos ter devido reunir hoje aqui os ex e os atuais Governantes, os ex e os atuais Diretores, neste momento que, quero crer, todos partilhamos com o mesmo gosto e a mesma sensação de dever cumprido.

É agradável – gratificante acho muito vulgarizado – chegarmos a este ponto do percurso, sem termos uma razão de queixa.

Aliás temos uma: o tempo!

O tempo obrigou a que uma obra começada por relativamente novos, para relativamente velhos, fosse acabada por velhos para relativamente novos! Porque instituímos como lema desta casa: “Aqui não é permitido envelhecer”!

Porque esta é uma boa frase de fecho, e porque estou perto dos 72 anos, seria boa altura de terminar a minha intervenção.

Só não o faço ainda... Só não o faço ainda...



Porque sinto a obrigação pessoal de algumas justíssimas e últimas palavras de agradecimento, a algumas pessoas cujos nomes não vem para o caso, mas que se chamam:

Eng. Nuno Krus Abecasis, que cedeu o terreno em representação da C.M.L...

Dr. Silva Peneda, pelo seu entusiasmo e pelo vultuoso primeiro arranque para a construção.

Dr. Vieira de Castro, sempre sensível ao projeto.

Eng. Valente de Oliveira, que os acompanhou de perto.

Drs. Santana Lopes e Manuel Frexes, que sempre se interessaram pela Apoiarte/Casa do Artista.

Prof. Cavaco Silva, que autorizou a segunda valiosa fatia do financiamento.

Eng. Falcão e Cunha, que liderou esse processo.

Arquitetos Augusto Silva, Fernando Ferreira dos Santos, Luís Rebelo de Andrade e Francisca Ramalho, autores do projeto de Arquitetura que tem merecido os maiores elogios.

Tecproeng, autores dos Projetos Especiais de Engenharia.

Maria João Saldanha, que concebeu a sinalização.

À firma APADIL, que graciosamente a realizou.

À HCI – Construções S.A., que ergueu a obra num clima de competência técnica e relacionamento humano raros.

Dr. João Soares, que enquanto Presidente em exercício da C.M.L. nos deu sempre o maior apoio, inclusivamente com a realização pelos serviços da C.M.L. dos magníficos arranjos exteriores.

Comendadores Rui Nabeiro, João Justino e Ilídio Pinho, que muito nos ajudaram e... esperamos... continuarão ajudar. E Comendador Tomé de Barros Queirós, que ofereceu a verba para a primeira SISA.

Hotéis Tivoli e Casino do Estoril, que nos ofereceram bastante mobiliário.

Seria delicado incluir nestes agradecimentos dois ou três sócios muito especiais, mas que o mereciam...

Também, com certeza, uma justíssima palavra de gratidão para o governo do Eng. António Guterres, que, sem dificuldade, concedeu o financiamento final que permitiu que se terminasse sem delongas de prazos a construção da Casa do Artista.

Uma última palavra de agradecimento a Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, por ter querido honrar os artistas portugueses com a sua presença na inauguração desta obra que nos permitimos considerar de indiscutível interesse para a nossa classe e a nossa atividade, para a nossa cidade, e para o nosso País. Muito obrigado!

Armando Cortez

Filipe, F. & Preto, G. (Maio 2003). “*Armando Cortez 1928-2002*”.

PENSAMENTOS

Levanto um cálice
de Porto velho
à vida
para que a solidariedade
e o amor
sejam eternos
na Casa do Artista
mesmo que o mundo acabe.

Autor: Miguel Barbosa
(Dramaturgo/Residente da Casa do Artista)

O Teatro requer um conhecimento do espírito humano, e do ator o poder de transmiti-lo ao público de forma bela e verdadeira. Através do caminhar, do olhar, do falar, da expressão, o ator vive todas as vidas (existentes ou não), e tem o poder de rir e chorar todos os extremos.

VIVA O TEATRO!

Autor: ator brasileiro Lell Trevisan

Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista” 2018, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

TANTAS COISAS PELA CIDADE

Tanta vaidade
Pela cidade
Tão perfumada
Bons penteados
E despenteados
Mentes sem nada

Tanto gentio
Num corrupio
Pela cidade
Pró emprego
No desemprego
Ociosidade

Tanta menina
Estudantina
Pela cidade
Sem estudar
Prefere andar
Pela discoteca

Tanto menino
Estudantino
Pela cidade
Trocando livros
P'los matraquilhos
Queimando idade

Tantos doutores
Tantos senhores
Pela cidade
São os tais
Que comem mais
A sociedade

Tantas senhoras
Fazendo horas
Pela cidade
Têm criadas
Boas mesadas
Sem dificuldade

Tanta gente
Descontente
Pela cidade
Passando os dias
Sem alegrias
Sem saudade

Tanto empregado
E subsidiado
Pela cidade
Doença falsa
Andam com baixa
Sempre a vontade

Tanto vigarista
Oportunista
Pela cidade
Sempre janotas
São agiotas
Da sociedade

Tanto comerciante
E disfarçante
Pela cidade
Vivem em bando
Do contrabando
Da falsidade

Tanta criatura
Cheia de cultura
Pela cidade
Feitos artistas
E golpistas
De toda a arte

Tanta criança
Sem esperança
Pela cidade
Longe da escola
Pedindo esmola
A caridade

Autor: Joaquim Samora
(Ponto de Teatro/Residente da
Casa do Artista)

QUADRAS POPULARES

Cantar assim é uma treta
Nem Sto. António nem S. João
Mas mesmo com a voz desfeita
Há muito amor, no meu coração

O luar na tua janela
Engana quem por lá passa
Não é lua nem é vela
É somente a tua graça

Se eu fui como disseste
O primeiro a te alcançar
Mais uma vez me mentiste
Pois sou o último a chegar

O alcance do meu fado
O fado que não vivi
É ter-te sempre a meu lado
E poder morrer por ti

Nos Santos Populares
Há alegria a valer
Por isso eles são populares
Das festas que o povo quer

Autora: Nilza Moreno

(Artista da Rádio e Cantora Ligeira/Residente da Casa do Artista)

**“Essa é a natureza das mulheres, não amar quando
as amamos e amar quando não as amamos.”**

Miguel Cervantes

CRIANÇA POBRE POBRE CRIANÇA

Há uma pobre criança de mão estendida
Pedindo esmola enregelada
Na rua escura de velhos casebres

Caem-lhe gotas pela cara de cansaço e dor
Engole o grito
As lágrimas sufocam-lhe as palavras
E o calor do bafo, que pouco aquece
Mas que para ela é tudo,
É o único calor que sente

Quer pedir mas permanece muda;
Velhos, novos, passam não ligam
À pobre criança que não amam
Porque não vêm, ou não querem ver
Que como ela muitas outras hão-de haver.

Autora: Isabel Balbi
(Actriz/Residente da Casa do Artista)

CARAMANCHÃO

À sombra do caramanchão
Tardes de muito calor
Todos falamos e rimos
Deixamos sair asneiras.

É tão belo o caramanchão
Flores de anil, cachos caídos
Um a um lá nos juntamos
Folgazões e distraídos
E conversares atrevidos.

Venham ver o caramanchão
Tragam cá quem vos visita
Tanta e tão grande beleza
Só na Casa do Artista.

Autora: Lila
(Secretária/Residente da Casa do Artista)



**“Que triste desilusão
É ver um sonho desfeito,
É sentir o coração,
Gelado dentro do peito.”**

Christovão

ALGARVE ANTES E DEPOIS

Há umas décadas atrás o Algarve era quase praticamente virgem como região turística, tinha um interior rico. Por exemplo, as amendoeiras quando estavam cheias de flor, era um espectáculo, estávamos a ver um tapete gigante de vários tons predominando o branco e o rosa. Enfim era um paraíso na terra! A costa algarvia era tão bela e ainda é, que só em a contemplá-la ficamos com a alma lavada. As praias lindas, por exemplo a praia da Rocha era uma beleza. Além da sua beleza tinha uma água límpida e de óptima temperatura. Na época foi considerada uma das melhores e lindas praias da Europa. O Algarve tem tudo para ser uma bela região turística. Nos primeiros anos, os responsáveis não fizeram muitas maldades, mas com o passar dos anos, os novos responsáveis que estiveram à frente desta linda terra, os seus neurónios ficaram obcecados com o modernismo, ao ponto de se esquecerem das tradições e características da terra, ficando tudo anulado.

É-me penoso falar de Albufeira, que eu amei e ainda amo, sendo muito penalizada não encontro uma explicação. Falo do jardim, que era um autêntico ex-líbris de Albufeira. Destruíram as lindas árvores centenárias; o lago; o coreto, que lhe dava tanta graça e autenticidade. O jardim sempre foi um ponto de encontro de todas as gerações. Aos poucos sem se aperceberem transformaram num aglomerado de gente; o comércio desregrado, nada bonito de se ver. A oferta para os turistas jovens foi bares, bares e bares ... Alguns jovens turistas acabam por se esquecer ao que vieram. A praia e o mar ficam esquecidos e alguns desses jovens acabam por fazer muitos disparates, que por vezes chegam a ser violentos.

Chego à conclusão, que Albufeira é caro para as ofertas que dão aos turistas. O Algarve merece que o tratem bem!

Ultimamente fizeram algumas coisas úteis, mas é pena não ver ninguém a tentar melhorar algumas asneiras que fizeram a esta linda terra. Albufeira não está agonizante felizmente não chegou aí, nem chegará. Ela tem uma força que não sei explicar, não se deixando agonizar.

Lamento que não continue a ser a pérola do Algarve! Bem vamos ser mais positivos, ainda tem muita coisa boa, como um sol, que é um espanto e muito difícil de encontrar e uma costa que faz inveja. Também tem hotéis maravilhosos, com espaços deslumbrantes. Claro que não pode ser para todos, mas a vida é mesmo assim. Não estou contra isso, nem podia estar. Mas falando de alguns bons restaurantes, os estrangeiros que o digam, pois eles adoram a nossa comidinha.



Resumindo e concluindo só espero que apareçam boas cabeças limpas, com talento e sabedoria, que consigam renovar o que for possível. O Algarve merece isso. Deus queira que venham quanto antes esses heróis.

Autora: Maria Candal

(Actriz e Cantora Ligeira/Residente da Casa do Artista)

TRISTEZA DE PALHAÇO

Sorri um palhaço num circo actuando
Na face tem um traço de luz e de cor
Estampado no rosto um sorriso brilhando
Escondendo um desgosto que o enche de dor

Desgosto de ser, na vida um palhaço
Seu rosto pintado, é tudo que tem
Um ser ignorado nem tem um abraço
De alguém que não seja palhaço também

Ri um palhaço ri, p'lo mundo fora
Todos se riem dele com tanto gosto
Com ele ninguém chora, com ele ninguém chora
Com ele ninguém chora, no seu desgosto

Tristeza estar tão só no sofrimento
Escondido num sorriso do rosto seu
Por ele choro eu, por ele choro eu
Por ele choro eu, este lamento...

Autor: Mário Ramos

(Técnico de Contas)

Este poema foi cedido pela actriz e cantora ligeira Maria Candal, viúva do autor.

ADEUS AMIGA LENA DIOGO



Foi no café Ribeira-Brava, no saudoso e querido Parque-Mayer, foi quase no fim dos anos 70 que eu conheci a Maria Helena Diogo. Ela morava com a já falecida mãe na Venda Nova, que fica aqui perto, entre Benfica e a Amadora. Ela nessa altura trabalhava como encadernadora nas oficinas da antiga Livraria Bertrand, na Rua Garrett, ali ao Chiado.

A Lena foi uma grande admiradora da nossa querida Mariema, que na altura estava a começar a sua carreira de actriz cômica e fadista. Foi vedeta de revista e grande estrela no Parque Mayer. A Lena naquela tarde veio ao Parque jantar, para ir ao Maria Vitória à estreia de mais uma revista da Mariema. Foi assim que nos conhecemos e nunca mais deixamos de ser amigos. Comemos e bebemos, rimos muito e sempre que havia uma estreia lá estava eu à espera da Helena e assim se passaram 40 anos. É a vida, ela era mais nova 4 anos do que eu. Eu hoje tenho 73 anos e ela morreu agora com 69 anos. Por ironia do destino quando eu vim para cá viver a Lena estava cá a recuperar duma depressão. Foi na altura, que na terra onde agora morreu tinha acabado de falecer a sua mãe. Lá foi ela com uns primos ao funeral, já estava melhor de saúde, mas sofreu um grande desgosto.

A Helena Diogo foi ponto teatral durante dez anos no Teatro Maria Vitória, e depois passou para o Teatro Nacional, onde esteve muitos anos, até se reformar e ir viver para a sua terra natal, em Oliveira do Hospital, onde acaba os seus dias. Ela foi uma grande amiga desta casa e das pessoas de cá. Vinha cá às vezes almoçar, jantar e ver espectáculos.

Era uma rapariga muito sossegada, educada, tinha muita graça, amiga do seu amigo e de ajudar as pessoas. Foi uma grande profissional, adorava o teatro e foi sempre uma grande Senhora. Teve uma grande admiração e amizade pela grande e saudosa actriz Ivone Silva, e também pelo nosso grande homem de teatro Armando Cortez, Manuela Maria, Morais e Castro, Ivone Ruth e Linda Silva.

Fico a lamentar a sua partida, sentindo grande saudade. Obrigado amiga por me teres ajudado bastante quando eu precisei e descansa em Paz Léninha.

Autor: Júlio Coutinho
(Actor/Residente da Casa do Artista)

BEM-VINDA HELENA VIEIRA

Helena Vieira começou a interessar-se por música muito cedo. Antes de completar dois anos de idade já trauteava uma música que ouvia na rádio e em criança obrigava os irmãos a fazer teatros musicais.

No liceu Maria Amália, onde estudou, recorda a professora de canto coral Fernanda Losa, que a convidou para integrar o grupo coral daquele estabelecimento de ensino, com o qual interpretou obras de diversos compositores, como Brahms e Schubert. “Começou aí o interesse a sério pela música”, diz-nos.

Cursou Filologia Germânica na Universidade de Lisboa, de cujo Coro de Câmara fez parte. Amante de ópera, começou a frequentar o Coliseu de Lisboa e o Teatro de São Carlos. O amor pela música levou-a para o Conservatório, onde foi aluna das professoras Joana Silva e Constança Capdeville, que muito a inspiraram.

Entre os compositores preferidos, destaca Mozart, Verdi e Richard Strauss. Deste último compositor, salienta a personagem Octavian, da ópera o “Cavaleiro da Rosa”, que interpretou em Portugal e no estrangeiro. Ao longo da sua carreira, cantou todos os papéis que ambicionou interpretar e que lhe “encheram a alma”.

Apesar dos receios iniciais com a sua opção pela carreira lírica, a família acompanhou com entusiasmo o seu percurso.

Em 1984 integrou a companhia de cantores residentes do Teatro de São Carlos, onde permaneceu até 1992, ano da sua extinção, decisão que diz lamentar. Recorda com especial prazer o papel de Emília, da ópera “Otello”, de Verdi, que cantou em 1989, em São Carlos, ao lado de um cantor de que é “super fã”, o tenor Plácido Domingo, que descreve como “uma estrela” e a convite do qual cantaria em Madrid.

No início dos anos 90, a convite do maestro Pedro Osório, integrou o projecto “As Canções do Século”, com as cantoras Lena d’Água e Rita Guerra, de quem se tornaria amiga, e no qual experimentou novos repertórios. Apresentado inicialmente no Casino do Estoril, o espectáculo teve grande sucesso, estando em tournée durante quase uma década. Entretanto, novamente com Pedro Osório e Rita Guerra, a que se juntou o cantor Beto, participou num novo projecto, o POPera, que apresentava árias de óperas famosas com orquestração no estilo de música pop.

Mais tarde, dedicou-se ao ensino do canto, tendo formado cantores de que se orgulha.

Com um percurso profissional multifacetado, trabalhou no teatro, dirigida por Filipe La Féria, no cinema, com os realizadores José Fonseca e Costa e João Botelho e em televisão, tendo participado nos programas “Operação Triunfo”, “Uma Canção para Ti” e na “Casa da Saudade”, que descreve como uma “bonita homenagem” à Casa do Artista, onde hoje reside.



A viver “uma época de descanso”, Helena Vieira chegou recentemente à Casa do Artista, onde, como nos diz, tem tempo para si e onde se sente “muito feliz”. Aqui reencontrou amigos, como o actor António Évora e a coralista Lisete Marques, com quem tem passado e recordado agradáveis momentos.

Desejamos que a cantora lírica Helena Vieira se sinta bem nesta Casa de Afectos e Emoções.

Autor: Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

MEU SOFRER

Eu vivia sorrindo
Zombando da dor
Eu não acreditava
No mal do amor
Um dia amei alguém
Que não me teve amizade
Surgiu o meu sofrer
Eis a realidade.
Por isso canto chorando
Meu amor acabado
Talvez eu esteja
Pagando
Meu grande pecado
Meu sofrer
Não tem fim
Oh meu Deus
Tenha pena de mim!

Autor: Victor Bonjour

Este poema foi cedido pela artista da rádio e cantora ligeira Nilza Moreno, viúva do autor.

HORÁRIO ESCOLAR



HORA	SEG.	S	TER.	S	QUA.	S	QUI.	S	SEX.	S	SAB.	S

Escola: _____
Ano: _____ Turma: _____ N.º _____
Nome: _____ Tel.: _____

Robbialac
Uma escolha de mestre!

**Para recordar...
como era antiga-
mente!**

LÁ FOI A NOSSA MANECAS

Pelos anos 60, tinha eu 16 anos fui no Parque Mayer, ao Bar-Bossa, ficava encostado ao Guarda-Roupa Paiva, no tempo da Mestra Josefina Soares e por cima do Chico Carreira. Lá estava o velho Mano Zé a cortar os bifés. Era o Bossa nessa altura em madeira e telhado de lusalite. Era propriedade de duas irmãs, uma não me lembro o nome e a outra mana chamava-se Lígia. Vendiam só café e mais bebidas, bolos, salgados e sandes, não faziam comida. Um dia as duas irmãs foram embora e apareceu a Manuela Novaes, como dona do Bossa mas como Bar-Restaurante. Era uma Senhora alta, elegante e bonita. Fumava, vivia perto de Campo de Ourique com a mãe, a tia, a avó e tinha um filho pequeno chamado Luís. Era fadista, na altura cantava em salões para a alta sociedade e no Maria Victória chegou a fazer uma revista como atriz.

Era uma mulher católica, educada, de fino trato e recebia muito bem os clientes. Gostava de ajudar quem precisa-se. A mim em alturas de falta de dinheiro e trabalho deu-me muitas vezes de comer e tabaco. Obrigado por tudo Manecas.

A primeira vez que fui a Fátima foi com ela, com o bailarino Fernando Truca e a grande atriz Ivone Silva. Depois da missa na Capelinha das Aparições fomos almoçar o bacalhau no forno ao restaurante da Tia Alice, na Cova da Iria. A Manecas já cá me veio visitar, mas já andava doente, estivemos no quarto do António Mourão a conversar, vinha com a nossa amiga Elisabete, cabeleireira do Chiado, que também se sentia doente.

Quando agora tive conhecimento da morte da minha amiga Manecas fiquei triste. Estou a perder pessoas de quem gostei e em curto de espaço de tempo perdi três grandes amigas, três figuras profissionais do percurso das noites artísticas e três grandes Senhoras: Celeste Rodrigues, Lena Diogo e a Manecas do Bossa. Até um dia no Juízo Final; descansem em Paz. As nossas sentidas condolências ao filho da Manecas, o meu amigo Luís.

Manuela Novaes era uma boa cozinheira, tinha um prato maravilhoso, bife à actor com molho de natas e cogumelos. Foi uma grande amiga do teatro e dos artistas. Frequentava a sua casa Amália Rodrigues, Aida Baptista, Linda Silva e Morais e Castro, Dora Leal e José Viana, Mariema, Helena Reis, Maria da Fé, Natalina José, Cândido Mota, Raul Solnado, Zé Flores e o bailarino Araújo, António Mourão, Dina Maria, Lígia Teles, Marina Mota e Carlos Cunha, Maluda, Beatriz da Conceição, etc.

A Manuela quando saiu do Parque Mayer foi com o filho Luís abrir um restaurante com o mesmo nome perto do Rato. Ela é lisboeta da freguesia de S. Isabel. A primeira vez que comi no Solar dos Presuntos e num restaurante Chinês, foi a Manecas que me levou e também foi com ela que fui ao Bairro-Alto à casa de fados da Fernanda Maria, na Rua das Gáveas, ao “Lisboa à Noite” jantar e ouvir fado e a Manuela Novaes cantou. Estavam lá a Madalena, o marido e a Blú. Foi há muitos anos. Que saudades!

Autor: Júlio Coutinho

**PROPRIEDADE:
APOIARTE —
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890

Correio eletrónico:
geral@casadoartista.net

www.casadoartista.net

A **APOIARTE/CASA DO ARTISTA**—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



Ficha Técnica

Edição:
Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:
Conceição Carvalho
(Assessora da Direcção)

Coordenação:
Carla Andrino
(Psicóloga Clínica/Actriz/
Vogal da Direcção da Casa
do Artista)

Revisão:
Fernando Tavares Marques
(Actor/Tesoureiro da Direc-
ção da Casa do Artista)

Periodicidade:
Mensal

Tiragem:
50 exemplares

Nota: Este Boletim não foi redigido ao abrigo do Acordo Ortográfico.

AGENDA CULTURAL

SALA BEATRIZ COSTA:

- **4 de Outubro (quinta-feira), 15 horas** — Visualização do documentário “Recordando a Expo 98—imensa saudade”;
- **10 de Outubro (quarta-feira), 15 horas** — Conta-me uma História, com a contadora de histórias Isabel Curica e o violinista João Canto e Castro;
- **12 de Outubro (sexta-feira), 15 horas** — Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”;
- **16 de Outubro (terça-feira), 15 horas** — Momento Musical, com o pianista e residente Boni;
- **23 de Outubro (terça-feira), 15 horas** — Momento Cultural de Fados, com a Escola de Fados da Estrela;
- **25 de Outubro (quinta-feira), 15 horas** — Actuação do Grupo Vozes do Estoril—Música Popular;
- **26 de Outubro (sexta-feira), 15 horas** — Fados com a fadista Ada de Castro e Jorge Baptista da Silva acompanhada à guitarra e à viola.